NOVELLAE OLIVARUM



ANO X / FEVEREIRO 1952 / N.º 92

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO MAURÍCIO
Redactores — FERNANDO CAMPOS
— JOÃO PERESTRELLO
Proprietário e Editor — INÁCIO VIEGAS
Administrador — MANUEL HEITOR

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

Um carácter, um coração, uma alma sacerdotal — P. J. F. 28

Dor que a fé suaviza — A. Tavares 30

Ascese Quaresmal — João Gonçalves 32

A Vigília Pascal (A propósito do novo Decreto) — C.C.-J.T. ... 38

Liturgia e Acção Católica — Cónego A. Gonçalves 42

Contemplação e Acção 46

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
CARVÃO
SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)
EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.°
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — Rua do Ouro, 166 a 170

Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69 —

LISBOA — Praça dos Restauradores, 14

Livraria e Papelaria Moderna — Machado & Ribeiro, L.da — Livraria Católica Portuense

LARGO DOS LOIOS, 50 — PORTO — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 13$00 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 13$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 12$50 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 12$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00—Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 14$00

Material escolar — Peçam catálogos indicando o género de livros

Homenagem

dos Seminaristas dos Olivais

à memória do Senhor

Cónego António da Fonseca Mendes Serrano

que morreu de joelhos e na vida nos ensinou

a amar com fervor

a servir com zelo

e a obedecer com lealdade

NASCEU Sua Ex.cia Rev.ma em Faro, na freguesia de São Pedro a 4 de Julho de 1902. Frequentou em Lisboa o Liceu Camões, concluindo o curso liceal no Colégio Militar. Em 1929 renunciou ao mundo trocando a farda pela batina e ingressou no Seminário de Santarém. Aí frequentou Filosofia e o 1.º ano de Teologia e recebeu a Prima-Tonsura. Em 1931 passou ao novo Seminário dos Olivais onde terminou o Curso Teológico. Ordenado sacerdote por Sua Em.cia o Senhor Cardeal Patriarca na Igreja de S. Domingos, no dia 22 de Dezembro de 1934, celebrou a Missa Nova no dia seguinte na Igreja Paroquial de S. Mamede. Fez parte do corpo docente do Seminário de S. Paulo de Almada no ano de 1935-1936 tendo leccionado, Literatura, Francês e Ciências Geográficas. Foi depois nomeado coadjutor da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus e Capelão no Bairro da Quinta da Calçada. Aqui foi buscá-lo Sua Em.cia para o cargo de capelão da Marinha de Guerra onde exerceu fecundo apostolado.

Em 1945 é-lhe confiada a direcção do Seminário de Almada onde esteve como Vice-Reitor. Daqui passou ao Seminário dos Olivais onde até ao dia da morte era professor distinto de Direito Canónico, História da Igreja, Ascética e Mística.

Em Fevereiro de 1951 Sua Em.cia o Senhor Cardeal Patriarca nomeou-o membro do Cabido da Sé Patriarcal tendo tomado posse no dia 12 de Março do mesmo ano.

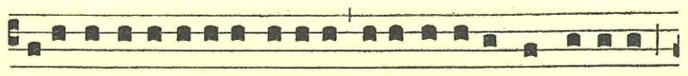
Numa altura em que ainda tanto havia a esperar do seu espírito brilhante e do seu coração ardente, a morte veio como um ladrão: arrebatou-o a 27 de Janeiro de 1952.

Esperamos em Deus que a sua alma brilhe já nos esplendores da glória junto da Augusta Trindade que neste mundo tão apaixonadamente amou.

«Novellae Olivarum» apresenta à extremosa Mãe e irmãos de Sua Ex.cia Rev.ma os pêsames sinceros pelo luto em que igualmente participa.

Cónego António da Fonseca Mendes Serrano





Um carácter, um coração, uma alma sacerdotal

À memória do Cónego António Serrano

Ainda o nosso Seminário se encontra de luto pela partida do Cónego António Serrano para a eternidade. A surpresa e a dor das primeiras horas vão-se pouco a pouco fundindo numa saudade mitigada, como aquelas, pela doce esperança, baseada na Fé, de que a sua bela alma repousa em Deus, já banhada na luz e no calor inefáveis da visão e do amor beatíficos da Augustíssima Trindade.

Teria o Seminário, teria o Patriarcado perdido realmente um sacerdote de rara têmpera, com o falecimento do Cónego Serrano? Sem dúvida, no que respeita ao labor visível do ministério sacerdotal. Mas, se o amor dos homens não é destruído, senão elevado e purificado pelo amor de Deus, qual não será agora o carinho desse coração sacerdotal, já livre do nevoeiro deste mundo, pela sua família de sangue, pela sua família diocesana, pelos seus amigos peregrinos ainda? Se a missão das almas boas não cessa, antes se transforma e sublima com a subida para Deus, não o devemos dizer também dum sacerdote segundo o coração de Cristo, que generosamente se esquecia de si mesmo neste mundo pelo amor de Deus, das almas e dos seus amigos? Não, a missão do Cónego Serrano entre nós não terminou, mudou sòmente e esta esperança que nos acalenta vem tornar mais viva e mais sentida a veneração que temos pela sua memória.

O Cónego Serrano deixou-nos um exemplo, um grande exemplo: o do seu carácter e do seu coração. Recto e firme até à severidade, quando lho ditava a consciência; bondoso e sensível até às lágrimas, quando lho pedia o coração. E era talvez o que tinha de mais notável a sua personalidade de homem: o encontro por vezes surpreendente, sempre

nobre, dessas duas riquezas da alma: um carácter viril e um coração generoso.

Mas o Cónego Serrano deixou-nos um exemplo ainda maior: o da sua grande piedade. Era um homem profundamente sobrenatural. Quem com ele de perto conviveu teve ocasião de verificar o seu intenso amor de Deus, a grande dedicação que tinha pela Sua causa, como pressentia nos acontecimentos da vida o dedo invisível da Providência.

Quem com ele privou alguma vez não pôde deixar de sentir a unção que transparecia da sua conversa em que as grandes realidades da Fé brotavam como coisas vividas pela sua alma ardente e entusiasta. Quantos espíritos não esclareceu, quantas vontades não retemperou, a quantos corações não levou consolação, quantas dores não mitigou, a quantas necessidades não deu remédio com a sua palavra inflamada e até, quando podia, com a sua esmola generosa?

E como ele rezava! Eram horas de joelhos na capela, desde a madrugada, quando se levantava, até ao fim do dia. Modelo de oração!

Depois, como ele trabalhava! Os seus alunos bem davam pelo cuidado com que preparava e escrevia por inteiro as suas aulas. Modelo de trabalho! A sua nutrida biblioteca, em que abundavam os livros de espiritualidade, estava já muito desfalcada pelas muitas obras que tinha ofertado às bibliotecas de Almada e dos Olivais e aos amigos: uma amostra entre tantas outras do seu espírito de pobreza.

Quando o Senhor Vice-Reitor lhe perguntava se podia encarregar-se de determinado trabalho, respondia que não desejava ser consultado, mas tão sòmente receber ordens, que aliás cumpria escrupulosamente. Modelo de obediência!

E enfim, através deste temperamento forte como poucos, transparecia visìvelmente a grande virtude conquistadora das alturas: a humildade.

Que o seu exemplo seja seguido entre nós, pois foi assim que ele obteve — temos disso profunda convicção — uma grande riqueza de méritos sobrenaturais para apresentar diante do Juiz Supremo. *Beati mortui, qui in Domino moriuntur... opera enim illorum sequuntur illos!*

P. J. F.

DOR QUE A FÉ SUAVIZA

Quis Deus nas Suas disposições, que cremos sempre justas, coerentes e inexcedìvelmente acertadas tirar do nosso convívio o Senhor Cónego Serrano.

Para todos os felizes que já neste mundo possuem a verdade última da vida humana, a certeza encorajante da ressurreição e da vida eterna jorra luz sobre a terra dolorosa que envolve a morte, castigo supremo e universal do primeiro pecado humano. Para nós portanto a morte do Senhor Cónego Serrano se por um lado nos atingiu pela dor e consternação inevitáveis, por outro lado foi ocasião para nós de gratas e tranquilizantes considerações: dois sentimentos opostos que podem simultâneamente rodear a morte de qualquer bom cristão.

A morte é a barreira penosa e sombria que mesmo os justos têm de transpor, para alcançar o que constitui o fim que presidiu à sua criação: a feliz visão de Deus. Pela morte, assim o esperamos, o Senhor Cónego Serrano atingiu por completo a razão última da sua existência, que aliás, como objecto único dos seus anseios e cuidados, nesta vida jamais perdeu de vista.

A riqueza e elevação de vida duma pessoa grande com quem convivemos, dificilmente se expressa por palavras, já por quanto estas são deficientes e inaptas para manifestar o pensamento e sobretudo o sentir, já pela vulgaridade e preferência de emprego dos termos que se têm de escolher. Tentarei fazê-lo no entanto, e ao confessar a minha aversão por frases feitas e lugares comuns, reivindico para as palavras e expressões que emprego todo o sentido e alcance concreto que elas realmente contêm.

O Senhor Cónego Serrano era um justo. Era-o precisamente na acepção oposta àquela em que depreciativamente por vezes se toma a palavra: conformismo estático, placidez piegas. A meu ver o traço mais característico da personalidade humana e sobrenatural do Senhor Cónego era uma energia vibrante, um entusiasmo activo e empreendedor, que

denunciavam claramente a posse apaixonada da verdade. Verdade que conquistada e abraçada, foi o penhor desta felicidade tranquila, interior, única que responde às exigências da nossa condição e que no caso do Senhor Cónego Serrano não deixou de manifestar-se por vezes em arroubos inflamados e explosões sinceríssimas de entusiasmo.

Conquistou a verdade, encontrou Deus, que conheceu na persistência da oração, na humildade de espírito, na renúncia da vontade e a Quem serviu magnânimamente. Eis como se encontra o verdadeiro sentido da vida, como se alcança a única felicidade, como sobretudo se pode ser um instrumento magnífico de Deus na edificação dos outros. Neste ponto só o Senhor conhece toda a extensão e magnificência dos bens, que o sacerdócio tão verdadeiramente desempenhado pelo Senhor Cónego Serrano, espalhou por toda a parte. Uma pequena porção é do nosso conhecimento, aquela apenas que pudemos recolher através da observação humanamente deficiente e incompleta dos nossos olhos, e da experiência, essa mais inequívoca, das nossas relações pessoais com Sua Reverência. Serviu-nos, e com que proficiência, no desempenho da sua missão primeira e habitual: professor de cadeiras teológicas. Devemos-lhe sobretudo a benéfica influência, que no contacto do dia a dia, a sua personalidade riquíssima exerceu sobre nós. Tendo isto em conta não podemos deixar de lamentar a perda do Sr. Cónego Serrano.

Além da separação, irreparável nesta vida, é este o aspecto que na morte do nosso saudoso superior nos contrista e nos aflige: perdemos o estímulo da sua presença e o seu préstimo valiosíssimo. Lamentamo-nos por nós, não por ele. Ele vive feliz. Nós, embora em abatimento e mágua visto que o Senhor Cónego Serrano como personalidade individual é insubstituível, esperamos que Deus, Bondade e Providência admiráveis suprirá de modo satisfatório a perda para nós duma vida a tantos títulos preciosa e querida.

A. TAVARES

Com efeito, Senhor, a vida não se tira aos vossos fiéis, sòmente se muda, porque desfeita a casa terrena deste exílio, dai-lhes morada eterna nos Céus.

Pref. Defuntos

ASCESE QUARESMAL

A natureza humana decaída, purificada no Sangue de Cristo, voltou à vida.

Jesus triunfou do pecado, e na Sua Ressurreição gloriosa temos o penhor da nossa imortalidade. É por isso justamente considerada base da nossa fé a Ressurreição do Senhor (1) e, com razão, a Igreja nos reune, antes de a celebrarmos, num exercício comum de quarenta dias para, limpos da imundície do pecado e adestrados numa prática mais perfeita da vida cristã, nos apresentar a Deus como oblação digna e aceitável. Foi, durante séculos, este o único retiro da Família Cristã sendo dele pregadora e mestra a própria Igreja nossa Mãe cuja preocupação é ministrar-nos doutrina cuidadosamente escolhida ao mesmo tempo que nos proporciona a prática de exercícios que mais ajudem a radicar em nós a vida restaurada por Cristo. Daqui, a extrema importância deste tempo e o ser considerado como índice de decrescimento no fervor cristão o enfraquecimento na sua generosa observância. Já dizia Bento XIV (e parecem proféticas as suas palavras) que sendo «a observância da Quaresma o laço da nossa milícia, é por ela que nos distinguimos dos inimigos da Cruz de Cristo e afastamos os flagelos da cólera divina». Por isso o enfraquecimento no seu fervor resultará «em detrimento da glória de Deus, desonra da religião católica e perigo para as almas, não podendo duvidar-se que esta negligência se converterá em fonte de desgraça para os povos, descalabro para os negócios públicos e infortúnio para os particulares» (2).

«É inútil, comenta D. Flicoteaux, vincar quanto as circunstâncias actuais justificam as palavras de Bento XIV. De facto nunca a Quaresma foi tão esquecida como hoje e nós sabemos já, por experiência, quão caro

(1) Cf. I Cor. XV, 17.
(2) Constituição apostólica: «Non ambigimus», de 30 de Maio de 1741.

nos sai o descuido no dever da penitência o qual a própria Virgem Maria não cessa de periòdicamente lembrar à humanidade culpável, nas suas misericordiosas mensagens a almas privilegiadas, mensagens estas que se reduzem a isto: «*fazei penitência*» (3).

E que são afinal estas palavras senão o eco das de Cristo: «Se não fizerdes penitência todos perecereis»? (4).

Também Pio XII, sempre atento aos problemas da hora actual, não tem esquecido esta necessidade e assim, por exemplo, no dia seguinte à definição dogmática da Assunção de Nossa Senhora, falando aos prelados presentes recordava a necessidade urgente de recorrer à mortificação «para dominar e repelir tantos males de ordem moral e social» porque «hoje em dia vagueiam por aí, cheios de fúria muitos daqueles demónios que só pela oração e jejum se podem debelar».

Este tempo é um tempo de purificação e por isso desde as práticas determinadas pela Igreja aos selectos trechos da liturgia e às súplicas por ela postas nos nossos lábios, tudo converge para um fim único: morte em nós do Velho-Homem, o homem do pecado e da sensualidade, na sujeição das tendências inferiores que impedem a incorporação de todos os fiéis em Cristo ressuscitado como num corpo único e glorioso sobre quem a morte não tem mais poder. Importa para isso, antes de mais, a irmanação de todos os cristãos num só pensar e mesmo sentir para o que muito contribuirão as práticas da oração de cada um por todos, a comunhão nos mesmos sofrimentos e a entrega total de cada um para o bem da comunidade. Dentro deste espírito é sumamente importante a prática da abstinência corporal que além dos fins satisfatório e propiciatório pelos nossos pecados, constitui um traço de união entre o indigente e o saciado dos bens da terra: «A vida do pobre, diz D. Guéranger, deve ser dulcificada na medida em que a do rico participa mais intensamente na frugalidade e na abstinência, pertença da maioria dos homens. É então que pobres e ricos se apresentarão verdadeiramente irmanados neste solene banquete da Páscoa que Cristo ressuscitado nos oferece durante quarenta dias» (5).

As boas obras abrem à nossa oração um caminho mais amplo até ao Coração de Deus, segundo o princípio apresentado por Jesus: «per-

(3) D. Elicoteaux «Le sens du Carême», pág. 6.
(4) Luc. XIII, 5.
(5) «L'Année Liturgique» II, pág. 178 (1949).

doai e ser-vos-á perdoado; dai e dar-se-vos-á». Por sua vez, estas boas obras são-nos facilitadas pelo jejum que não só reprime a concupiscência e expia o pecado, como alivia a alma e a desprende das coisas da terra tornando-lhe mais fácil o dever da esmola. É por essa razão que Pio XII, no já citado discurso, considerando que na medida em que o homem «despreza o espiritual, o sobrenatural e eterno, transborda na avareza e ânsia desenfreada dos bens da terra» «contra semelhante desenfreamento» exorta e chama «a todos para que militem generosamente sob a bandeira da abstinência cristã». «Que a abstinência do que jejua seja a refeição do pobre» diz S. Leão a fim de que a solidariedade de todos atraia sobre todos, os olhares de Deus. Na verdade, que nos aproveitariam os nossos jejuns se ao nosso lado o faminto clamasse contra a nossa injustiça? A única resposta que poderíamos ter como paga da nossa egoísta austeridade seria o «não vos conheço» de Jesus.

Com efeito o Senhor deixou na caridade e amor do próximo o sinal distintivo dos seus verdadeiros discípulos ([6]) e foi até ao ponto de equiparar o amor dos nossos irmãos ao amor de Deus ([7]). O fariseu orgulhoso jejuava duas vezes na semana ([8]) e foi amaldiçoado por Jesus porque punha de lado a justiça e a misericórdia quando, para ser aceite por Deus era necessário que fizesse uma coisa mas sem omitir a outra ([9]) Pelo contrário o Senhor chama bemaventurado ao que praticou a misericórdia, considerando como feito a Si o que ao mais desprezado de entre os cristãos se fizer ([10]). Por isso a Igreja tem o cuidado de indicar-nos logo no início da Quaresma a necessidade de pôr termo a toda a injustiça, vingança ou egoísmo que são o primeiro obstáculo à realização da misericórdia divina em nosso favor ([11]). É preciso mais do que nunca aprender a desculpar magnânimamente tudo o que da parte dos outros nos possa magoar, e isto não uma ou duas vezes mas indefinidamente ([12]) a fim de que também a nós seja concedido o perdão. Isto é apenas a parte negativa com que o cristão se não pode contentar. A exemplo de Cristo

([6]) Cf. Jo. XIII, 34-35.
([7]) Marc. XII, 30-31.
([8]) Luc. XVIII, 12.
([9]) Mat. XXIII, 23.
([10]) Evang.º da 2.ª feira da 1.ª semana.
([11]) Não nos envergonharão acaso os maometanos que durante o seu jejum de 30 dias — o Ramadan — fazem encerrar todos os tribunais? (cf. D. Guéranger, op. cit. pág. 148).
([12]) Evang.º da 3.ª feira da 3.ª semana.

e segundo a sua ordem expressa, o cristão deve amar positivamente os seus inimigos e orar pelos que o perseguem e caluniam.

Deste modo se mostrará digno filho do Pai Celeste que faz nascer o sol sobre bons e maus ([13]). Também S. Paulo, recordando as palavras do Livro dos Provérbios, nos diz que não nos deixemos vencer pelo mal mas que triunfemos do mal pelo bem: «Se o teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer, se tem sede, dá-lhe de beber porque procedendo assim estás a amontoar carvões ardentes sobre a sua cabeça» ([14]), isto é, graças eficazes de Deus que o levem ao arrependimento e à conversão ([15]).

A Santa Igreja manda-nos praticar a caridade no aspecto material como espiritual e dela não dispensa ninguém para que ninguém ouça a reprovação do Senhor: «Ide-vos malditos, porque tive fome e não me destes de comer...» ([16]). «É preciso que a alma verdadeiramente cristã, diz D. Flicoteaux, encontre maneira de satisfazer ao preceito da esmola, nem que seja [quando nada mais tiver] por um simples copo de água fresca dado em nome de Cristo, isto é, por caridade» ([17]).

Como acima se afirmou, a esmola é facilitada pelo jejum que torna ainda mais aceitável aos olhos de Deus a nossa oração pela expiação do pecado e compensação pela pena a ele devida.

O jejum foi instituído como remédio para a cura da alma e do corpo ([18]) e os seus efeitos são magnìficamente celebrados pelo prefácio quaresmal, em palavras lapidares: «qui corporali jejunio vitia comprimis» (mortificação de concupiscência e da excitação em nós deixada pelo pecado) «mentem elevas» (libertação dos laços que prendem à terra a nossa alma e aproximação de Deus) «virtutem largiris» (fonte de graças sobrenaturais e mesmo naturais) «et proemia» (penhor da glória eterna). O jejum alcança para o pecador o perdão ([19]) e restabelece sobre ele a soberania do Criador restaurando a dignidade da natureza humana mortalmente ferida pela intemperança. Ninguém ignora o seu primitivo rigor no tempo em que não era permitido o uso de quaisquer alimentos sólidos

([13]) Evang.º da 6.ª feira depois das Cinzas.
([14]) Cf. Rom. XII, 20.
([15]) Cf. Renié — «Les Épîtres de S. Paul», n.º 247, b); Maritain — «La Pensée de S. Paul», pág. 148.
([16]) Evang.º da 2.ª feira da 1.ª semana (cf. Eccli. III, 33 e XXIX, 15; 2.º responsório do 3.º nocturno das matinas do 1.º domingo).
([17]) Op. cit., pág. 79.
([18]) Cf. Postcom. de 4.ª feira de Cinzas e Colecta de 6.ª feira depois das Cinzas.
([19]) Colecta da 4.ª feira da 4.ª semana.

ou líquidos além da refeição única tomada só depois de vésperas, isto é, cerca das quatro ou cinco horas da tarde. Condescendendo com a natureza debilitada foi-se pouco a pouco mitigando este antigo rigor para que maior número de fiéis pudesse participar de instituição tão salutar([20]). E como apesar de tudo, muitos há que não podem cumprir esta forma de mortificação, nem esses nem os outros que a cumprem estão dispensados de aproveitar as inúmeras ocasiões de se fixarem à Cruz de Cristo porque, conforme diz S. Paulo, só na medida em que participamos dos seus sofrimentos, participaremos da sua Ressurreição: «si compatimur et conglorificemur» ([21]). «Não seria de facto irrisório, pergunta S. Bernardo, que os membros dum corpo coroado de espinhos, levassem uma vida suave e fácil»?

A colecta do Domingo de Ramos chama à Paixão de Jesus o «testemunho da paciência» divina e por isso a paciência nas tribulações da vida é uma das virtudes a exercitar neste tempo, conforme diz o Apóstolo logo no 1.º domingo: «mostremo-nos em tudo como servos de Deus, suportando com paciência as tribulações». A Igreja compraz-se em repetir-nos frequentemente idênticas palavras ([22]) a fim de mais fixar em nós a figura do nosso Divino Modelo que «como uma ovelha foi conduzido ao matadoiro sem abrir a sua boca» ou «como o cordeiro que emudece diante de quem o tosquia» ([23]). Tal deve ser o comportamento do cristão durante este tempo.

Deve igualmente merecer a nossa atenção a virtude da diligência que nos faz estar alerta para não sermos surpreendidos pela tentação, conforme a recomendação do Senhor: «vigiai e orai para que não entreis em tentação». A refeição pascal era tomada de pé pelos judeus que não largavam o bordão como quem está apressado e vai de viagem.

Assim também durante este tempo o cristão se deve preparar para ir ao encontro de Cristo «que virá de surpresa, como o ladrão». Não deve pois desperdiçar o seu tempo nem com palavras vãs nem dando demasiado tempo ao sono e às recreações mas antes, deve aproveitar esta oportunidade para se entregar a uma oração mais intensa e a uma leitura mais assídua de livros piedosos, bordão e sandálias do caminheiro da Eternidade. Este tempo é sumamente importante e oportuno para desenvolver a união com Deus, fazendo calar todos os ruídos que possam distrair a nossa alma, para no íntimo de nós mesmos adorarmos mais frequentemente Aquele que é adorado «em espírito e verdade» ([24]).

Não é porém só individual a oração da Quaresma, antes, é a oração da Família, reunida à volta do Altar comum para a renovação colectiva, dado o estado social do homem: «Vocate coetum, congregate populum, sanctificate ecclesiam» ([25]). É a oração humilde do pecador arrependido confiante de que na sua infinita misericórdia Deus olhará benignamente para a sua miséria: «Tendes compaixão de todos, Senhor, e nada do que fizestes Vós odiais. Vós dissimulais os pecados dos homens por causa da penitência e perdoais a todas as criaturas porque sois o Senhor nosso Deus» ([26]). Magníficos são os modelos apresentados pela Igreja à nossa consideração ([27]) a fim de nos excitar a uma oração mais instante e confiante. As preces postas por Ela na nossa boca, são gritos de amor e confiança quase sempre tirados dos salmos e que, como setas de amor sobem até junto do trono de Deus. Sirvam de exemplo o gradual da 3.ª feira da 4.ª semana: «Levantai-vos, Senhor, vinde em nosso auxílio e livrai-nos, pela honra do Vosso Nome»; e esta magnífica prece de confiança: «Os nossos olhos estarão sempre fixos no Senhor até que se compadeça de nós». E é assim que na esperança de ser atendido, o homem se tranquiliza e alegra cada vez mais à vista da próxima libertação ([28]) até poder cantar o *Aleluia* da Páscoa, prenúncio daquele que para sempre cantarão os que triunfarem com Cristo depois do combate.

JOÃO GONÇALVES

([20]) Vd. restrições que comportava a abstinência na instituição primitiva e a história das dispensas no preceito do jejum em D. Guéranger, op. cit. págs. 133 e segts. e 144 e segts.
([21]) Rom. VIII, 17.
([22]) Principalmente nas antífonas de sexta e noa.
([23]) Is. LIII, 7.
([24]) Evang.º de 6.ª feira da 3.ª semana.
([25]) «Convocai a assembleia, reuni o povo, santificai a comunidade» (Epístola da 4.ª feira de Cinzas).
([26]) Intróito da 4.ª feira de Cinzas.
([27]) Vd., V., as Epístolas da 2.ª feira da 2.ª semana; da 3.ª feira da 4.ª semana; de 5.ª feira depois das Cinzas, etc. — Evangelho da 5.ª feira da 1.ª semana e Tracto das 2.as, 4.as e 6.as feiras.
([28]) Daqui a alegre liturgia do domingo «Laetare» e do sábado «Sitientes» (sábado da 4.ª semana).

A VIGÍLIA PASCAL

(A propósito do novo Decreto)

Após os tempos tristes dos fins do século passado e princípios do presente, em que a Igreja se viu perseguida quase por toda a parte, surgiu a necessidade de uma renovação religiosa intensa. E assim assistimos desde há alguns anos à intensificação do movimento litúrgico cujos bons efeitos já se fazem sentir.

Este movimento é, a um tempo, litúrgico e pastoral, de conquista e santificação, tendendo principalmente, no seu aspecto exterior, à participação activa dos fiéis nos ritos sagrados. E é bem que assim seja porque a Liturgia é, na definição luminosa de Pio XII, felizmente reinante, o «culto integral do Corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, da Cabeça e dos *Membros*».

Tem sido com carinhosa protecção que a Santa Sé vem observando as preocupações litúrgicas dos seus filhos e as vem aprovando quando o permitem as circunstâncias e necessidades dos fiéis. Foi ainda Pio XII quem afirmou que a Igreja, continuadora do Sacerdócio de Cristo, o exerce sobretudo pelo desempenho da Sagrada Liturgia. Esta é, assim, o acto de Redenção perpetuado.

O Decreto «Dominicae Ressurrectionis» de 9 de Fevereiro de 1951, permitindo a restauração da Vigília Pascal segundo os moldes em que primitivamente fora instituída, pode ter-se como mais uma consagração do esforço que se vem notando no sentido de reintegrar o povo cristão no seu verdadeiro papel activo nas cerimónias litúrgicas.

Está gravada, ainda, na memória de todos os que a ela assistimos o entusiasmo vibrante com que decorreram as cerimónias da Vigília Pascal de 24 de Março do passado ano. Onde ela se realizou acorreu em massa o povo cristão, sabendo que a Santa Igreja o chama a uma compreensão maior do Mistério Pascal, pela realização mais perfeita dos seus ritos, pela participação nele a um tempo mais pessoal e colectiva.

Mistério duplo é este em que celebramos a Ressurreição de Cristo e a Sua Vitória sobre a morte, e também, como diz S. Paulo, a nossa sepultura juntamente com Ele pelo Baptismo e o renascimento para uma vida nova *(Rom. VI-4)*.

Toda esta doutrina é posta em evidência nos dois pontos culminantes da Vigília restaurada: o círio (símbolo de Cristo o qual recebe agora todo o seu sentido) e a renovação das promessas do Baptismo. Não é só Cristo histórico, não é só o homem beneficiado, mas é verdadeiramente *Cristo Místico* — Ele e nós numa união que transcende a nossa capacidade de entender — *em plena evidência*.

Foi esta a celebração do passado ano, cheia da beleza e religiosidade dos tempos primitivos.

Das relações que muitos Prelados enviaram à Santa Sé pôde esta concluir que a restauração da Vigília Pascal trouxera abundantíssimos frutos espirituais, e atendendo aos pedidos inúmeros que recebera, decidiu prorrogar por mais três anos a licença para a sua celebração segundo o novo rito (1).

Mas porque o primeiro ano de experiências mostrou também algumas dificuldades de ordem pastoral, a Santa Sé, como que a vincar bem o seu interesse por que a Vigília restaurada se celebre em todas as igrejas, resolveu a grande maioria delas concedendo várias facilidades.

Um dos maiores obstáculos era a falta do clero que permitisse a celebração solene da Vigília. Atendendo a isso a Santa Sé concede que onde houver escassez de ministros sagrados a celebração se faça com um só sacerdote, conforme rubricas especiais apostas ao novo Rito publicado com o recente decreto.

E vai mais longe ainda. Para que os Párocos com várias freguesias não tenham escrúpulos de que parte dos fiéis por não virem às cerimónias nocturnas fiquem sem cumprir o preceito dominical, concede-lhes licença para celebrarem outra Missa no Domingo de Páscoa, e mesmo duas ou três se tiverem indulto para binar ou trinar (2).

Aos sacerdotes que celebrarem a Missa da Vigília já depois da meia-noite e quiserem celebrar de novo na manhã seguinte, é-lhes permitido tomar alguma coisa *per modum potus* desde que observem uma hora de

(1) Decreto «Instaurata vigilia», de 11 de Janeiro de 1952 — A. A. S., XXXXIV, n.º 1, de 25 de Janeiro.

(2) *Sacerdotes, qui missam vigiliae paschalis instauratae litaverint, possunt die Paschatis missam celebrare; et etiam bis aut ter, si indultum habeant.*

jejum eucarístico antes do começo da segunda Missa. A fraqueza em que ficariam deixa de ser, em parte, razão suficiente para se não realizar a Vigília nocturna.

A Santa Sé atende não só às dificuldades por parte do clero, mas também às que os fiéis podem ter em vir participar nas cerimónias nocturnas. Por isso se, a juízo do Bispo, não se puderem celebrar nalguma igreja à hora prescrita, por causas públicas e graves permite-se, com sua licença *expressa,* que a celebração comece mais cedo, nunca, porém, antes das 20 horas. Neste caso o sacerdote e fiéis que comungam devem guardar jejum desde as 19 horas.

Estas as soluções que a Santa Sé deu para algumas das dificuldades apontadas e que estava ao seu alcance resolver. Para outras pede apenas a boa vontade dos Ordinários e Párocos para as resolverem.

Assim, onde há o costume de fazer a bênção das casas no Sábado Santo, os Ordinários que procurem mudá-la para tempo mais oportuno. E aos Párocos indica que se esforcem por acabar com o costume de o povo cumprir o preceito da confissão anual na tarde de Sábado Santo ou manhã do Domingo de Páscoa, em chusma *(catervatim),* mas que o faça distribuído por dias diversos, o que lhe trará muito maior fruto. E, finalmente, procurem os Ordinários e Párocos combinar prudentemente com o novo ritual de Sábado Santo os costumes existentes que favoreçam a sólida piedade dos fiéis.

Levam-nos, estas decisões da Santa Sé, a uma única conclusão: o grande desejo que mostra de que à Vigília Pascal se dê todo o esplendor que lhe é devido, como fonte onde os fiéis irão buscar forças para que a sua vida de baptizados traduza a grande realidade da incorporação em Cristo Jesus.

Não é de estranhar, pois, a insistência da Santa Sé sobre a preparação que se deve dar aos fiéis: «Em primeiro lugar é de grande conveniência que durante a Quaresma se preparem os fiéis com instruções apropriadas para a frutuosa celebração da sagrada Vigília Pascal e principalmente para a solene renovação das promessas baptismais».

A grande importância que a Santa Sé dá a esta última cerimónia é posta em evidência nas próprias rubricas permitindo que a alocução e a renovação das promessas se façam em toda a parte em vernáculo, segundo tradução aprovada pelo Ordinário.

É necessário que cada vez mais os nossos fiéis se compenetrem das responsabilidades e direitos que adquiriram no Baptismo. Após a competente doutrinação quaresmal, a renúncia a Satanás e suas obras e a solene afirmação de fé católica hão-de fazer sentir a sua influência na vida dos cristãos que por uma participação cada vez mais activa e mais frutuosa nos mistérios de Cristo se irão transformando progressiva e laboriosamente «até alcançarem a estatura que convém à plenitude de Cristo» *(Eph. 4 13)* (3).

C. C. - J. T.

Exulte já o exército dos Anjos, exultem os divinos mistérios e para celebrar a vitória de tão grande Rei ressoe a trombeta da salvação. Regozije-se a terra de tão fulgurantes luzes banhada, e dos raios de glória que o Rei eterno sobre ela derrama; regozije-se de se ver livre das trevas que a cobriam. Alegre-se também a Igreja nossa Mãe adornada com os fulgores de tão grande luz, e ressoem neste templo as vozes de regozijo de todo o povo.

Da liturgia da Vigília Pascal

(3) Cfr. «Mediator Dei», ed. da Junta Central da A. C. P., pág. 86.

LITURGIA E ACÇÃO CATÓLICA

Há mais de quatro séculos que a barca de Pedro navega em mar particularmente encapelado; no meio da tormenta deitaram-se à água os protestantes, rejeitando e repelindo a barca da salvação que os conduzia. A Igreja viu-se dizimada dos seus efectivos em grande parte e até na totalidade de alguns importantes países da Europa. E, pior que isso, viu voltarem-se contra ela no estertor da agonia, esses mesmos que até ali eram seus filhos.

A Revolução Francesa lançou sobre a barca da Igreja as primeiras granadas, no entuito de a afundar. Como ela houvesse subsistido (contra o que esperavam), o liberalismo pretendeu convencer os tripulantes a deixarem a barca para vogarem à deriva nas baleeiras do seu individualismo.

Seguiu-se logo o laicismo, mais lógico e ousado, forçando os isolados ocupantes de tão frágeis barcos a afastarem-se para longe da barca mãe, a fim de em nada ficarem sob a sua influência e nem sequer a avistarem. Tendo, apesar de tudo, continuado a singrar a barca invencível da Igreja, constantemente refeita das suas perdas, tenta agora o comunismo ateu reduzi-la a pó pela explosão atómica da perseguição atroz que lhe move em toda a parte.

Quanto às barcaças dos trânsfugas sabem os inimigos da Igreja que não é preciso gastar metralha com elas, pois se afundam pelos seus próprios meios.

Tripulantes que somos da barca da Igreja, desta Igreja que luta e sofre por embalar no seu seio materno a multidão dos filhos de Deus, membros da Igreja militante, temos de cuidar da vida a bordo, e ir lançando sempre a rede cada vez mais ao largo para salvar o maior número possível de irmãos nossos que, com os olhos em perturbadas águas, se enlameiam e afundam.

Para isso despontou na Igreja, vai para um século, o movimento de restaração litúrgica. Criou-o D. Guéranger, com a divulgação das suas obras *Questions Liturgiques* e *L'Année Liturgique,* começadas a publicar, respectivamente em 1840 e 1871. Sustentou-o e difundiu-o com essa outra obra viva que perdura — o mosteiro de Solesmes — secularizado desde a Revolução Francesa e que D. Guéranger, nascido e criado à beira das suas paredes abandonadas, adquiriu em 1833.

Desse mosteiro haviam de nascer todos os grandes mosteiros beneditinos modernos — Beuron, na Alemanha, em 1863, com D. Mauro Wolter; Faruborough, na Inglaterra, com D. Cabrol; Maredsous, na Bélgica, formada em 1872 com monges beureneuses a expensas da família Desclée; Mont-César, em 1899, em que havia de notabilizar-se D. Marmion, e mais tarde Saint-André, o mosteiro de D. Lefebvre, ambos na Bélgica fundações de Maredsous.

Quanto este movimento litúrgico tenha enriquecido a Igreja, na sua vida intensa, na vida sobrenatural, di-lo a voz autorizada de Pio XII nestas palavras da Mediator Dei: «De todos vós é conhecido, Veneráveis Irmãos, o singular afervoramento dos estudos litúrgicos que, nos fins do século passado e princípios do actual, foi promovido, já pelo louvável esforço de alguns particulares, já sobretudo pela aturada e persistente diligência de alguns mosteiros da ínclita Ordem Beneditina donde surgiu, neste capítulo uma louvável e frutuosa porfia, cujos salutares efeitos são patentes, tanto no campo das disciplinas eclesiásticas, como até na vida espiritual e particular de muitos cristãos». O Papa continua: «As augustas cerimónias do Sacrifício do Altar foram melhor conhecidas, compreendidas, apreciadas; a participação nos Sacramentos tornou-se mais larga e frequente; criou-se o gosto pelas orações litúrgicas; e o culto da Eucaristia foi considerado — como de facto é — fonte e princípio da autêntica piedade cristã».

E Pio XII acrescenta: «Além disso, foi posto mais em evidência o princípio de que todos os cristãos formam um só corpo estreitamente unido, cuja cabeça é Cristo, princípio donde se infere o dever para o povo cristão de participar, segundo a sua condição, nos ritos da liturgia».

Reconhecendo os efeitos salutares de um século de apostolado litúrgico, Pio XII deu razão às palavras do que mais tarde havia de ser o Cardeal Pie, discípulo de D. Guéranger, quando, em 1841, no início deste movimento, escrevia ao seu mestre: «Desde algum tempo estou sob esta

impressão: que é preciso conduzir o nosso século à liturgia para o tornar católico».

Sim, é preciso conduzir o nosso século à liturgia para o tornar católico. Com o Cardeal Pie, desde há 100 anos, sentem-no muitos dos pensadores modernos; depois da Mediator Dei vê-se que é o sentir da Igreja. Neste esforço hercúleo para trazer o mundo dos nossos tempos à vida de Cristo, na Enc. Mystici Corporis Christi Pio XII patenteou-nos a estrutura interna da Igreja lembrando a todos o corpo de que fazem parte.

Com a Mediator Dei, de 1947, precisando e confirmando o movimento litúrgico chamou-nos à vida plena dessa mesma Igreja, à união com o Seu Chefe invisível único Mediator Jesus Cristo, em cumprimento e aproveitamento da nossa formação de membros do Corpo Místico, porquanto, fala-nos ainda Pio XII, «é absolutamente necessário que os cristãos vivam a vida da Liturgia», «fonte primária e indispensável do verdadeiro espírito cristão» poderíamos acrescentar recordando a conhecida frase de Pio X.

Fácil será descobrir a última relação que liga o movimento litúrgico ao movimento da A. C. Despontou o movimento apostólico (vai também para um século) em 1848, com as organizações católicas então fundadas na Suíça, na Bélgica, na Espanha, na Inglaterra e na França com a bênção de Pio IX.

O movimento apostólico moderno é, portanto, irmão gémeo do movimento de renovação litúrgica, ambos com a mesma idade, nascidos do seio da mesma Igreja, sob a mesma inspiração de renovação de vida. É claro que, embora irmãos, são dois movimentos diferentes: enquanto o primeiro se fica no interior da Igreja refazendo e intensificando a vida no seu seio, o segundo numa ânsia de conquista sai do templo e atira-se para a vida profana, paganizada, para a encher de espírito cristão. Movimentos especìficamente distintos nas suas actividades próprias, visam no entanto o mesmo fim último — a vida da Igreja; o primeiro dando-a aos de dentro, o segundo procurando levá-la aos de fora. Por isso muitas vezes se encontram, um ao outro se apoiam e dão as mãos numa interdependência mútua.

Liturgia e Acção Católica, caminhando a par, têm encontrado as mesmas dedicações e os mesmos realizadores! Têm topado também com as mesmas barreiras, as mesmas incompreensões, os mesmos adversários. A lei do menor esforço que impede a construção de qualquer edifício grande, e o personalismo, que pretende construir, mas para gosto e proveito próprios, ou não levantam a Igreja em proporções universais de catolicismo ou só constroem capelas, seja do baroco da decadência ou de cimento armado do modernismo, o seu estilo, e por muito que andem chegadas ao coração...

Mas comecemos. O Santo Padre Pio XII fala do «dever para o povo cristão de participar segundo a sua condição, nos ritos da Liturgia». Em extenso capítulo da *Mediator Dei,* depois de expor a razão de ser dessa participação, fala desenvolvidamente dos meios de que os fiéis hão-de servir-se para se unir ao Sacrifício do Altar, centro de toda a vida litúrgica.

Por outro lado, os Prelados portugueses tinham aprovado, já em 1933, no programa da L. A. L. P., (dir-se-ia numa previsão clara da Mediator Dei, tal a identidade de vistas), todos os grandes meios de participação activa na liturgia. O Regulamento Geral da A. C. P. traçou o plano das reuniões de piedade para toda a A. C. e chamou a atenção dos associados para a vida litúrgica paroquial. Nada direi, ao mencionar as principais realizações litúrgicas em que a A. C. poderá tomar parte e ao indicar sumàriamente os meios de participação activa aconselháveis que se não encontre numa destas três fontes mencionadas: Encíclica Mediator Dei de Pio XII — 20 Nov. 1947); Programa de L.A.L.P. estudado e redigido depois da Semana Litúrgica de Lisboa de 1932, e aprovado por S. E. o Senhor Cardeal Patriarca, em nome de todo o Episcopado, em 4 de Junho de 1933; finalmente o Regul. Geral da A. C. P. dado pela Hierarquia, em 30 de Maio de 1946, aos leigos oficialmente organizados em Portugal.

Cónego A. Gonçalves

(Continua)

Contemplação e Acção

Apesar das tentativas de regresso a uma concepção integral e espiritualista que começa a desenhar-se e os observadores verificam, é ainda a corrente pragmática e utilitarista a que predomina no pensamento moderno e a que continua a orientar os homens.

O protótipo do verdadeiro sábio, do filósofo que Bacon idealizou e preconizou, continua a ser o inventor, o técnico, o que produz algo de palpàvelmente útil para os homens.

Mas um sistema é sempre complexo, por definição, e nas partes que o constituem, poderemos encontrar sempre parcelas da verdade. Porque não há ideologias absolutamente falsas. O seu valor aumenta na medida em que se aproximam da verdade integral e absoluta, a única que merece o esforço empregado no sentido de a alcançar.

Por isso também havemos de olhar o Pragmatismo na medida em que mais ou menos se aproxima desta Verdade absoluta.

Ora este movimento nasceu de uma oposição justa ao logicismo exagerado e estéril e às subtilezas de uma filosofia decadente. Que se oriente a filosofia na descoberta de maior verdade, que se progrida sempre no caminho árduo que leva ao seu encontro, em vez de permanecer continuamente na contemplação pura e simples de *soluções-chave* de outras verdades mais altas, parece-me absolutamente razoável. E só teríamos a louvar o autor do «Novum Organum»; mas não se limitou a isto o «arauto da nova filosofia», como também não ficaram por aí os que lhe sucederam na linha do pensamento.

O Pragmatismo moderno, ao proclamar o primado da Acção sobre a Contemplação, o primado do Agir sobre o Ser, tenta uma nova explicação do homem. Atribui-lhe outra natureza, cria-lhe um fim diferente. Eis porque o problema da hegemonia da Acção ou da Contemplação só poderá ser resolvido em razão da natureza humana total, à luz do *fim* que ela tem a atingir. É sob este critério que devem ser analisados todos os problemas humanos, se não pretendemos soluções menos exactas.

Em todos os seus actos o homem é determinado por causas que o levam a agir no sentido de alcançar um objecto, um FIM. Esse objectivo que o homem tem sempre em mira, consciente ou inconscientemente, é a sua *felicidade*. Esta felicidade está na perfeição (1), na realização total das suas potencialidades. O homem é tanto mais feliz quanto está mais plenamente realizado.

Quando o homem age, quando se «põe em acção» é porque sabe, *conhece* o fim a atingir. Há aqui, anteriormente a qualquer acção, uma contemplação sempre necessária para determinar o homem a agir.

Em resumo, a acção não é mais do que o resultado do conhecimento que a precede.

Mas objecta-se: «não podemos ficar eternamente nesta contemplação, sem que daí não resulte nada de prático para a vida». Sim, «há necessidade de extrair o máximo de rendimento prático do mínimo de verdade teórica» (Bacon).

Ora, e aqui se situa o fulcro da questão, o homem não aspira, não tem como fim, os *bens* que esse rendimento prático lhe proporciona, antes tende para o Bem absoluto — a Verdade integral. Os outros bens nunca poderão ser o seu fim último, não passam de meios, ou, se quisermos, de fins mediatos para atingir o fim último. E só são *bens* na medida em que permitem ao homem maior conhecimento, maior grau de contemplação. O esforço a utilizar no conhecimento de verdades só é razoável enquanto leva a maior aproximação da Verdade.

«A busca científica é um esforço feito na luz para maior luz» (2); e este esforço só vale porque orientado para uma Luz maior.

Por isso o verdadeiro sábio, o filósofo autêntico, não é o que traz aos homens um bem prático, mas o que lhes sabe descobrir maior verdade. E se realmente encontrou algo de útil, não foi tanto pela sua realização prática como por se ter aproximado do conhecimento perfeito, que lhe sentiu mais felicidade.

---

(1) «Omnes autem scientiae et artes ordinantur in unum, scilicet ad hominis perfectionem, quae est ejus beatitudo». (S. Tomás, «Comm. in Metaph. Prooemium»).

(2) E. Gilson, «Beatitude et Contemplation», in «La Vie Intelectuelle», t. XX, 1933.

Foi mais feliz porque se realizou em maior grau e avançou para a perfeição — seu último fim — . Não é a acção que importa, mas o seu termo. «A primazia definitiva no conjunto da vida deve pertencer não ao Agir, mas ao Ser» (3). Eis porque é mais importante o conhecimento da Verdade. E porque não podemos concordar com o primado da Acção sobre a Contemplação.

Acção, sim, apenas enquanto permite e vive da Contemplação.

ANTÓNIO ALVES GUERRA

«O debate da acção e da contemplação não interessa apenas à vida pessoal de cada um de nós, interessa também, e de maneira profunda, a comunidade humana e o destino das civilizações. (...) Foi a glória de Aristóteles o haver reconhecido e ensinado que a acção imanente, ou vital, ou interiorizante, é mais nobre e mais elevada do que a acção transitiva, ou não vital, ou exteriorizante, como é a miséria dos tempos modernos o haverem esquecido a acção imanente e a das filosofias modernas o haverem concebido a acção imanente, a acção da inteligência por exemplo, como simples actividade transitiva, produtiva ou fabricadora. (...) O activismo e o pragmatismo, a rejeição dos valores contemplativos, a deposição da sabedoria, são o grande mal do Ocidente. E dir-se-ia que hoje é no exagero frenético deste mal que ele procura remédio; as tentativas de civilizações novas que se desenham sob o nosso olhar e em que o Estado, ou a comunidade civil, se torna a alma de um dinamismo puramente activista, industrial e guerreiro e mobiliza para estes fins activos a ciência e o pensamento, estas tentativas não são de natureza a tornar mais favorável o prognóstico».

JACQUES MARITAIN
(Questions de conscience)

(3) Romano Guardini, «Espírito da Liturgia», Ed. «Lumen Christi», Rio, pág. 109.

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS
E
TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO
LIVRARIA CATÓLICA
Casa fundada em 1866
SOUSA TAVARES, L.DA
220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

CASA FÂNZERES
OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA. RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS E CETINS. ARTIGOS DE METAL.
RUA DO SOUTO, 134 — BRAGA
TELEFONE 2704

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc
Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

MÁRMORES E CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA
R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

TELEGRAMAS VALADEIRO

AMIANTO
BORRACHA
CORREIAS
ÓLEOS DA MARCA «VALADOIL»
SEDAS SUÍÇAS PARA PENEIROS
MARCA «DUFOUR»
PNEUMÁTICOS DAS MELHORES MARCAS
PARA AUTOMÓVEIS
PUADOS BELGAS PARA CARDAS
CARTÃO «KLINGERIT» — VIDROS «KLINGER»
CALÇOS «KLINGER» PARA TRAVÕES

VALADAS, L.DA

ESCRITÓRIO { C. DO MARQUÊS D'ABRANTES, 1 A 5 / TELEFONES: P B X 6 3113 - 6 3114 }
ARMAZÉM { C. DO MARQUÊS D'ABRANTES, 27 E 27-A / AV. D. CARLOS I, 60 E 60-A } LISBOA

FILIAIS { PORTO — RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 73, 75 E 77 — TELEFONE 739
COVILHÃ — RUA VISCONDE DA CORISCADA, 31 E 33 — TELEFONE 103
BEJA — RUA DE MÉRTOLA
ÉVORA — PRAÇA DO GERALDO

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas
Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103
TELEFONES P. B X. 21271-27817
LISBOA

SACOR

A SACOR *é uma indústria nacional.*
Os seus produtos devem ser preferidos por todos os portugueses
COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES
Capital: 50 milhões de Escudos
Escritórios: **Rua do Alecrim, 57** Refinaria: **Cabo Ruivo**

A todos os nossos assinantes muito agradeceríamos a amabilidade de nos enviarem directamente o preço da assinatura, evitando-nos assim a cobrança postal que a todos exige maior despesa.

A ADMINISTRAÇÃO



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista.
Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

OPTICA, LDA

Rua de Santa Justa, 27

DESCONTOS AO REV.mo CLERO

A TOSSE



VOA

COM

BENZO-DIACOL